

O ARREPENDIMENTO

(Ensaio)

Por

Elio Mollo

Na **Moderna Enciclopédia Brasileira** encontramos que: *"o arrependimento é sentimento de pesar causado por violação de uma lei ou da conduta moral: resulta na livre aceitação do castigo e na disposição de evitar futuras violações. Essa é a definição da ética, e refere-se mais particularmente à lei e à moral humanas. Segundo a religião (sobretudo segundo o Cristianismo) é o sentimento de pesar que se apossa em virtude de falta cometida por atos, palavras ou pensamentos, os quais ela preferiria não ter praticado, dito ou concebido, e que a conduz ao propósito de mudar de atitude ou de comportamento e ao desejo de penitenciar-se. Na verdade, a simples disposição de evitar futuras violações, ou de penitenciar-se, cheio de unção e contrição, é de valor relativo. Válido sob todos os aspectos é o arrependimento que leva à reparação da falta cometida. Sentir-se pesaroso, bater o "mea culpa" e entregar-se a penitências pode ter, de fato tem um valor meramente subjetivo: ameniza a angústia do que errou. Mas o que realmente se espera é que este repare seu erro de modo objetivo: se por palavras ofendeu, busque o perdão do ofendido; se por atos causou dano ou destruiu, indenize o prejudicado, reconstrua o destruído; se por pensamentos desejou o mal ou prevaricou, conscientize-se disso fundamente, reedue-se, conheça-se a si mesmo e moralmente se transforme para viver em paz com a própria consciência."*

No **Evangelho em Lucas 23:39-43**, falando do "bom ladrão", um dos malfeitores suspensos à cruz o insultava, dizendo: *"Não és tu o Cristo? Salva-te a ti mesmo e a nós". Mas o outro, tomando a palavra, o repreendia: "Nem sequer temes a Deus, estando na mesma condenação? Quanto a nós, é de justiça: estamos pagando por nossos atos; mas ele não fez nenhum mal". E acrescentou: "Jesus, lembra-te de mim, quando vieres com teu reino". Ele respondeu: "Em verdade, eu te digo, hoje estará comigo no Paraíso".*

Não é útil **"o somente arrepender-se"** dos atos errados que fizemos até agora. É necessário refazer o caminho para acertar daqui para frente.

Muitos de nós dizemos: eu errei, estou arrependido, muitas vezes até pedimos perdão a Deus, só que as coisas ficam por aí mesmo, não fazemos mais nada.

Na Lei Universal de Deus, as coisas não podem ser dessa maneira, pois, como dizem os Espíritos superiores a Allan Kardec, em **“O Livro dos Espíritos**, q. 999”. *“O arrependimento auxilia a melhora do Espírito, porém, o erro deve ser expiado”*.

Como podemos observar através da passagem do Evangelho de Lucas, a primeira impressão que temos e, que Jesus ao dizer “eu te digo, hoje estará comigo no Paraíso” que o **“bom ladrão”** já estaria livre de pagar o seu passado, porém, não é bem assim que se passa, pois como diz Emmanuel no livro **“Pão Nosso**, com o tema, no Paraíso”: *“Naquela hora de sacrifício culminante, o **“bom ladrão”** rendeu-se incondicionalmente a Jesus-Cristo. O leitor do Evangelho não se informa, com respeito aos porfiados trabalhos e às responsabilidades novas que lhe pesariam nos ombros, de modo a cimentar a união com o Salvador, todavia, convence-se de que daquele momento em diante o ex-malfeitor penetrará o céu.”*

O **“bom ladrão”** entendeu as lições de Jesus, as responsabilidades que lhe pesariam nos ombros, de modo que deveria refazer o caminho para vencer seus maus pendores, foi assim que ele compreendeu as palavras de Jesus, e com isso sentiu ânimo, confiança no futuro para mudar. Aquilo que poderia ser sofrimento para si, tornou-se esperança, e Jesus compreendendo esse novo estado de ânimo nele, e vendo paz em sua alma, o levou a dizer, *“hoje estarás comigo no Paraíso”*.

Daquela hora em diante, o **“bom ladrão”**, ao invés, de pensar em somente tirar as coisas dos seus semelhantes, iria agir diferente, numa maneira de refazer o seu passado delituoso, doando ao mundo os seus esforços de reconstrução.

Com Pedro, também obtemos um bom ensinamento sobre o arrependimento, no anúncio da negação e da conversão (**Lucas 22:31-34**):

“Simão, Simão, eis que Satanás pediu insistentemente para vos peneirar como trigo; eu, porém orei por ti, a fim de que tua fé não desfaleça. Quando, porém, te converteres, confirma teus irmãos”. Disse ele: *“Senhor, estou pronto a ir contigo à prisão da morte”*. Ele porém replicou: *“Pedro, eu te digo: o galo não cantará hoje sem que por três vezes tenhas negado conhecer-me”*.

E isso realmente acontece como podemos verificar em **Marcos, 14:66-72**:

Quando Pedro estava embaixo, no pátio, chegou uma das criaturas do sumo sacerdote. E, vendo a Pedro que se aquecia, fitou-o e disse: *“Também tu estavas com Jesus Nazareno”*. Ele, porém, negou, dizendo:

“Não sei nem compreendo o que dizes”. E foi para fora, para o pátio anterior. E o galo cantou. E a criada, vendo-o, começou de novo a dizer aos presentes novamente: *“Este é um deles!”* Ele negou de novo! Pouco depois, os presentes novamente disseram a Pedro: *“De fato, és um deles; pois és galileu”.* Ele, porém, começou a maldizer e a jurar: *“Não conheço esse homem de quem falais!”* E, imediatamente, pela segunda vez, o galo cantou. E Pedro se lembrou da palavra de Jesus que lhe havia dito: *“Antes que o galo cante duas vezes, me negarás três vezes”.* E começou a chorar.

E Pedro arrependido chorou amargamente, porém, não desanimou, após a morte do Cristo, trabalhou arduamente para se modificar, trabalhou em prol de seus semelhantes, vivenciando as lições do Mestre e morrendo heroicamente por espalhar as Suas lições por andava.

Como podemos verificar na questão 171 de **“O Livro dos Espíritos”**, os Espíritos superiores nos dizem que *“o bom pai deixa sempre aberta a seus filhos uma porta para o arrependimento”*. Assim, podemos concluir que Deus nos oferece as ferramentas necessárias para refazermos o caminho e buscarmos a nossa felicidade.

Quem semeia colherá

André Luiz no livro **“Nosso Lar”**

Eu não sabia explicar a grande atração pela visita ao departamento feminino das Câmaras de Retificação. Falei a Narcisa, do meu desejo, prontificando-se ela a satisfazer-me.

— Quando o Pai nos convoca a determinado lugar — disse bondosa —, é que lá nos aguarda alguma tarefa. Cada situação, na vida, tem finalidade definida... Não deixe de observar este princípio em suas visitas aparentemente casuais. Desde que nossos pensamentos visem à prática do bem, não será difícil identificar as sugestões divinas.

No mesmo dia, a enfermeira acompanhou-me, à procura de Nemésia, prestigiosa cooperadora naquele setor de serviço.

Não foi difícil encontrá-la.

Filas de leitos muitos alvos e bem cuidados exibiam mulheres, que mais se assemelhavam a frangalhos humanos. Aqui e ali, gemidos lancinantes;

acolá, angustiosas exclamações. Nemésia, que se caracterizava pela mesma generosidade de Narcisa, falou com bondade:

— O amigo deve estar agora habituado a estes cenários. No departamento masculino a situação é quase a mesma.

E, fazendo um gesto significativo à companheira, acentuou:

— Narcisa, faça o obséquio de acompanhar nosso irmão e mostrar os serviços que julgar convenientes ao aprendizado dele. Fiquem a vontade.

Minha amiga e eu comentávamos a vaidade humana, sempre atida aos prazeres físicos, enumerando observações e ensinamentos, quando atingimos o pavilhão 7. Localizavam-se ali algumas dezenas de mulheres, em leitos separados, um a um, a regular distância.

Estudava eu a fisionomia das enfermas, quando fixei alguém que me despertou mais viva atenção. Quem seria aquela mulher amargurada, de aparência original? Velhice que parecia prematura tipificava-lhe o semblante, em cujos lábios pairava um ricto, misto de ironia e resignação. Os olhos, embaciados e tristes, mostravam-se defeituosos. Memória inquieta, coração oprimido, em poucos instantes localizei-a no passado. Era Elisa. Aquela mesma Elisa que conhecera nos tempos de rapaz. Estava modificada pelo sofrimento, mas não podia ter quaisquer dúvidas. Lembrei, perfeitamente, o dia em que ela, humilde penetrara em nossa casa levada por velha amiga de minha mãe, que aceitou as recomendações trazidas, admitindo-a para os serviços domésticos. A princípio, o ritmo comum, nada de extraordinário; depois, a intimidade excessiva, de quem abusa da faculdade de mandar e da condição de servir alguém. Elisa pareceu-me bastante leviana, e, quando a sós comigo, comentava sem escrúpulo certas aventuras da sua mocidade, agravando com isso a irreflexão de nossos pensamentos. Recordei o dia em que minha genitora me chamou a conselhos justos. Aquela intimidade, dizia, não ficava bem. Era razoável que dispensássemos à serva generosidade afetuosa, mas convinha pautar nossas relações com sadio critério. Entretanto, estouvadamente, levava eu muito longe a nossa camaradagem. Sob enorme angústia moral, abandonou Elisa, mais tarde, a nossa casa, sem coragem me lançar em rosto qualquer acusação. E o tempo passou, reduzindo o fato, em meu pensamento, a episódio fortuito da existência humana. No entanto, o episódio, como alguma coisa da vida, estava bem vivo. À minha frente tinha Elisa, agora, vencida e humilhada! Por onde vivera a mísera criatura, tão cedo atirada a doloroso capítulo de sofrimentos? Onde vinha? Ah!... naquele caso, não me defrontava o Silveira, perto de quem pudera repartir o débito com meu pai. A dívida, agora, era inteiramente minha. Cheguei a tremer, envergonhado da

exumação daquelas reminiscências, mas, qual criança ansiosa de perdão pelas faltas cometidas, dirigi-me a Narcisa, pedindo orientação. Eu mesmo me admirava da confiança que aquelas santas mulheres me inspiravam. Talvez nunca tivesse coragem de pedir ao Ministro Clarêncio as elucidações que pedira à mãe de Lísias e, possivelmente, outra seria minha conduta naquele instante, se tivesse Tobias a meu lado. Considerando que a mulher generosa e cristã é sempre mãe, voltei-me para a enfermeira, confiando mais que nunca. Narcisa, pelo olhar que me endereçou, parecia tudo compreender. Comecei a falar, contendo o pranto, mas, a certa altura da confissão penosa, minha amiga obtemperou:

— Não precisa continuar. Adivinho o epílogo da história. Não se entregue a pensamentos destrutivos. Conheço o seu martírio moral, de experiência própria. Entretanto, se o Senhor permitiu que reencontrasse agora com esta irmã, é que já o considera em condições de resgatar a dívida.

Vendo a minha indecisão, prosseguiu:

— Não tema. Aproxime-se dela e reconforte-a. Todos nós, meu irmão, encontramos no caminho os frutos do bem ou do mal que semeamos. Esta afirmativa não é frase doutrinária, é realidade universal. Tenho colhido muito proveito de situações iguais a esta. Bem-aventurados os devedores em condições de pagar.

E, percebendo a resolução firme de empreender o necessário ajuste de contas, acentuou:

— Vamos, mas não se dê a conhecer, por enquanto. Faça-o, depois de beneficiá-la com êxito. Isso não será difícil, pelo fato de continuar ela em cegueira quase completa, temporariamente. Pelas forças que a envolvem, noto-lhe a triste característica das mães fracassadas e das mulheres de ninguém.

Aproximamo-nos. Tomei a iniciativa da palavra confortadora. Elisa identificou-se, dando o próprio nome e prestando, de boa-vontade, outras informações. Havia três meses que fora recolhida às Câmaras de Retificação. Interessado em castigar a mim mesmo, diante de Narcisa, para que a lição me penetrasse n'alma com caracteres indeléveis, perguntei:

— E sua história, Elisa? Deve ter sofrido muito...

Sentindo a inflexão afetuosa da pergunta, sorriu, muito resignada, e desabafou:

— Para que lembrar coisas tão tristes?

— As experiências dolorosas ensinam sempre — objetei.

A infeliz, que apresentava profunda modificação moral, meditou alguns momentos, como quem concatenava idéias, e falou:

— Minha experiência foi a de todas as mulheres doidivas que trocam o pão bendito do trabalho pelo fel venenoso da ilusão. Nos tempos da mocidade distante, como filha de um lar paupérrimo, vali-me do emprego em casa de abastado comerciante, onde a vida me impôs imensa transformação. Esse negociante tinha um filho, tão jovem quanto eu, e depois da intimidade estabelecida entre nós, quando toda a reação de minha parte seria inútil, esqueci criminosamente que Deus reserva o trabalho a todos os que amem a vida sã, por mais faltosos que tenham sido, e entreguei-me a experiências dolorosas, que não preciso comentar. Conheci, de perto, o prazer, o luxo, o conforto material e, em seguida, o horror de mim mesma, a sífilis, o hospital, o abandono de todos, as tremendas desilusões que culminaram na cegueira e na morte do corpo. Errei, muito tempo, em terrível desespero, mas, um dia, tanto roguei amparo da Virgem de Nazaré, que mensageiros do bem me recolheram por amor ao seu nome, trazendo-me a esta casa de abençoada consolação.

Comovidíssimo até as lágrimas, perguntei:

— E ele? Como se chama o homem que a fez tão infeliz?

Ouvia-a, então, pronunciar meu nome e de meus pais.

— E você o odeia? — indaguei, acabrunhado.

Ela sorriu tristemente e respondeu:

— No período do meu sofrimento anterior, amaldiçoava-lhe a lembrança, nutrindo por ele um ódio mortal; mas a irmã Nemésia modificou-me. Para odiá-lo, tenho de odiar a mim mesma. No meu caso, a culpa deve ser repartida. Não devo, pois, recriminar ninguém.

Aquela humildade sensibilizou-me. Tomei-lhe a destra sobre a qual, sem que o pudesse evitar, rolou uma lágrima de arrependimento e remorso.

— Ouça, minha amiga — falei com emoção forte —, também eu me chamo André e preciso ajudá-la. Conte comigo, doravante.

— É sua voz — disse Elisa, ingenuamente — parece a dele.

— Pois bem — continuei comovido —, até agora, não tenho propriamente uma família em “Nosso Lar”. Mas você será aqui minha irmã do coração. Conte com o meu devotamento de amigo.

No semblante da sofredora, um grande sorriso parecia uma grande luz.

— Como lhe sou grata! — disse ela enxugando as lágrimas — há quantos anos ninguém me fala assim, nesse tom familiar, dando-me o consolo da amizade sincera!... Que Jesus o abençoe.

Nesse instante, quando minhas lágrimas se fizeram mais abundantes, Narcisa tomou-me as mãos, maternalmente, e repetiu:

— Que Jesus o abençoe.